

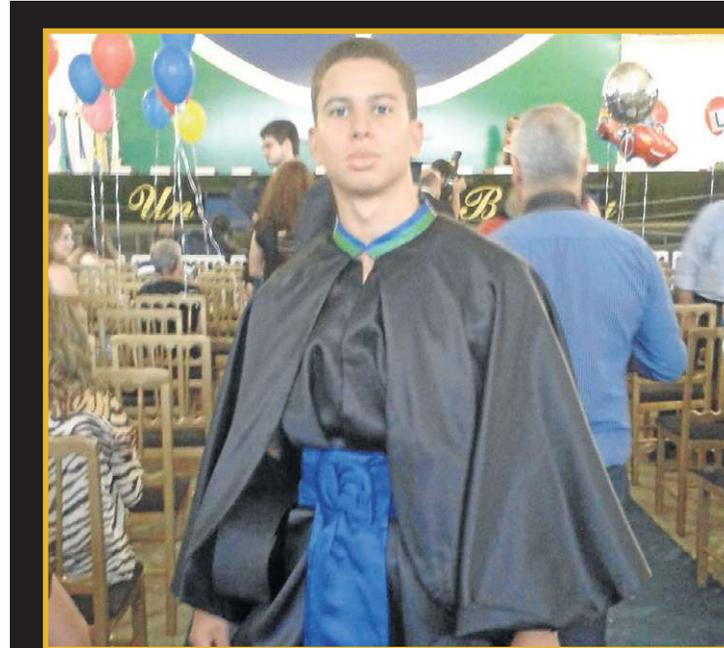
Ciências sem Fronteiras e realizou dois sonhos. “Sempre sonhei em morar fora e, na época, eu queria ir para o Canadá, então selecionei as melhores faculdades de lá e apliquei. Acabei sendo aceito na Universidade de British Columbia, em Vancouver. Lá, fiz parte da graduação em ciência da computação durante um ano e, no meu primeiro estágio em Vancouver, trabalhei em uma empresa de robótica, onde finalmente pude construir um robô”, diz Lucas.

Passado um ano no Canadá, ele retornou a Brasília e iniciou seu trabalho de conclusão de curso (TCC). “Pesquisei a predição de moléculas relacionadas a doenças. O título do meu trabalho foi *Classificação de RNAs não codificadores longos intergênicos usando SVM: um estudo de caso de cana-de-açúcar*. No estudo, ajudei a identificar moléculas responsáveis por uma doença que afetava o crescimento das plantações de cana-de-açúcar. Em paralelo, também identifiquei essas moléculas em humanos”, explica.

“Eu só tenho elogios para o Lucas. Na verdade, ele foi um aluno que conheci na graduação. Foi meu aluno de iniciação científica, depois de TCC, e trabalhou muito tempo comigo no laboratório de bioinformática aqui da universidade. Ele é um aluno muito diferenciado, especialmente no que diz respeito ao interesse e à vontade de aprender, de adquirir conhecimento, não só acadêmico, mas também de outras culturas e países. É uma grande satisfação ver o desenvolvimento dele, ver ele se tornar um profissional de nível internacional, sendo requisitado em centros de excelência acadêmica”, compartilha Maria Emília, orgulhosa.

Propósito descoberto

Ao concluir o curso, Lucas resolveu continuar sua pesquisa sobre inteligência artificial e bioinformática no mestrado e no doutorado, a pedido da professora. “Logo antes de terminar meu TCC, minha orientadora me propôs continuar na academia. Então, eu me comprometi a passar alguns anos na pesquisa com ela. Mas sempre tive em mente que, apesar de gostar de ciência, eu também precisava de dinheiro para ter minha autonomia. A ciência, por si só, não me proporcionava tudo o que eu queria em termos financeiros. Por isso, decidi que



Colação em engenharia de computação na UnB em 2016



O pesquisador durante sua defesa de mestrado em 2018



Lucas com os pais e a orientadora, Maria Emília, em sua defesa de doutorado, focado em câncer: “Decidi que essa seria minha missão”



O ocidentalense no castelo de Heidelberg, na Alemanha, país onde conquistou uma vaga no Laboratório Europeu de Biologia Molecular (EMBL)

continuar na ciência porque gostava, mas também começaria a trabalhar, pois precisava”.

Em meio às incertezas, ele encontrou um propósito. “Eu fiquei em dúvida se deveria ou não continuar no doutorado. No entanto, algo aconteceu durante o mestrado que me impactou profundamente: meu primo, um dos meus melhores amigos, morreu de câncer. Isso me afetou muito e, então, minha orientadora me deu a oportunidade de trabalhar em um doutorado focado em câncer. Decidi que essa seria minha missão”, diz.

Dessa forma, Lucas passou a focar em bioinformática aplicada ao câncer, trabalhando em colaboração com o Hospital Universitário de Brasília (HuB)

para identificar biomarcadores da doença. A pesquisa demonstrou que o uso de dados clínicos dos pacientes, em conjunto com marcadores biológicos encontrados pelo estudo, auxilia na predição do prognóstico e ajuda os médicos a proporem tratamentos que aumentam as chances de recuperação de pacientes com câncer colorretal.

Durante o mestrado, ele trabalhou com pesquisadores alemães e conseguiu uma vaga para fazer parte do doutorado na Alemanha, na Universidade de Leipzig. “No final do meu doutorado, passei um ano na Alemanha, onde vi como a ciência era valorizada e respeitada. Isso me fez reconsiderar meu caminho profissional. Quando retornei

ao Brasil, decidi me candidatar a uma vaga no Laboratório Europeu de Biologia Molecular (EMBL), localizado em Heidelberg, na Alemanha, uma instituição de pesquisa de ponta na Europa, e fui aceito”, detalha.

Realização plena

Depois de três anos no EMBL, o chefe de Lucas estava em processo de transferência para uma nova instituição e, por apreciar o trabalho do ex-estudante da UnB, o convidou para ajudá-lo a montar um novo laboratório na Universidade da Califórnia, em San Diego. Atualmente, Lucas trabalha como senior software developer (desenvolvedor de software sênior) na

instituição e continua a explorar a interseção entre programação e pesquisa científica.

“Esse é o meu trabalho atual, que combina o melhor dos dois mundos que sempre busquei: a indústria de software e a pesquisa científica. Nessa função, trabalho na interseção entre a programação e a ciência, desenvolvendo softwares voltados para a pesquisa. Auxílio tanto cientistas quanto outros programadores a criar ferramentas que ajudam a avançar o conhecimento científico. Essa mistura de habilidades, tanto da indústria quanto da academia, é algo que eu sempre quis alcançar”, comemora.

*Estagiária sob supervisão de Marina Rodrigues